

Relações mediadas na internet e experimentação política da amizade

Lívia Godinho Nery Gomes (Doutoranda em Psicologia Social no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, bolsista da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, Mestre em Psicologia Social pela USP. Endereço eletrônico: liviagng@ig.com.br).

Para Arendt (1993), a mais importante das virtudes políticas é a amizade. A relação de amizade se configura como espaço privilegiado do agir e do falar – experiências eminentemente políticas e inter-humanas. O aspecto político da amizade pode assim ser indicado no fato da relação de amizade se configurar como espaço discursivo privilegiado no exercício de considerar a opinião do outro (Arendt, 1993). A experiência discursiva da amizade configura-se por uma condição de “circulação horizontal” de palavra- termo utilizado por Kehl (2000) ao conferir à fratria o poder de produção de linguagem- e de aceitação do estado de dependência deste outro destinado pela amizade – sentimento que Derrida (1997) aponta como sendo mais sublime do que o de auto-suficiência de um sujeito.

Portanto, a amizade na concepção arendtiana do termo é respeito e interesse pela opinião dos outros, não depende de intimidade, consiste no gosto pela opinião do outro, configurando uma relação desconcertante, “agonística”, na qual é possível viver o deslocamento/questionamento do familiar, deslocando-se para o lugar dos outros. A amizade concebida na acepção política arendtiana possibilita experimentar a destabilizadora condição de “vista embaçada” sentida ao enxergar o mundo através de “lentes outras”. Além dessa experiência de descolamento do familiar vivida através de uma alteração de ponto de vista, a relação de amizade entendida como experiência inter-humana do agir e do falar possibilita a experiência de ser visitado por outros, num contexto desafiador de coragem e ousadia da aparição, pois, segundo Arendt (2001), é somente pela ação e discurso, que o agente aparece e pode revelar-se.

Lévy (2003) e Rheingold (1996) acreditam que a internet possibilita uma espécie de democracia em tempo real, precisamente porque compõe esse espaço agonístico de conversas horizontais que geram deslocamentos e transformações a partir da opinião do outro. As relações travadas na internet favorecem a experimentação política da amizade uma vez que se pautam na ética da hospitalidade, na abertura ao outro em sua alteridade, reconhecendo-o como alguém que pode instaurar o aprimoramento e relativização do pensamento. Lévy (2003) destaca que as novas formas de relações e de comunicabilidade promovidas pelo ciberespaço promovem a reconstrução do laço social, podendo inventar uma “democracia em tempo real” e uma ética da hospitalidade. De acordo com este autor, as relações virtuais em suas qualidades de pluralidade e descentralização constituem relações de trocas de conhecimentos, um circuito de trocas de saberes no qual a relação com o outro em sua alteridade pode me potencializar e enriquecer meus próprios saberes, na medida em que as zonas de inexperiência do eu e do outro não se justapõem.

É essa produção de um agenciamento coletivo de enunciação baseado na hospitalidade, no qual as trocas de conhecimentos com a alteridade podem criar modos

criativos de expressão e organização política, que está em jogo na democracia direta no ciberespaço, apontada por Lévy (2003). “A mobilização das competências sociais é uma exigência indissociavelmente técnica e política” (Lévy, 2003, p.62). As trocas de saberes e de habilidades no espaço de desterritorialização da internet possibilitam o encontro de pessoas e grupos que podem negociar e estabelecer contratos, configurando um espaço de democracia em tempo real, uma política molecular que envolve implicação e responsabilidade direta dos sujeitos. É precisamente por possibilitar o uso livre do discurso como no caso dos grupos de discussões públicas, dos blogs, e demais formas de ciberativismo, que a internet potencializa relações intersubjetivas favoráveis à experimentação da desafiante produção coletiva, de gestos de abertura e reconhecimento ético do outro sustentados pelo vigor da solidariedade – aquilo que é próprio da qualidade política da amizade.

O presente trabalho é um recorte teórico de uma pesquisa de doutorado sobre as implicações das relações de amizade virtuais nas formas de sociabilidades contemporâneas, e tem como objetivo analisar e discutir a experimentação política da amizade nas relações mediadas pela internet.

Lévy (2003) e Rheingold (1996) acreditam que a articulação comprometida de pessoas em uma comunidade virtual pode compor um espaço solidário no qual se compartilha conhecimentos e é possível experimentar modos singulares de resistência política. Na visão de Lévy (2003) o papel fundamental da comunidade virtual, compreendida como “inteligência coletiva”, está na possibilidade de mobilizar as pessoas a atuarem como filtros inteligentes no movimento de estímulo à ampliação de conhecimentos e à capacidade para agir coletivamente. Em outras palavras, a valorização das novas formas de sociabilidade no ciberespaço articula-se à possibilidade da revitalização de práticas condizentes ao exercício da cidadania e ao favorecimento de relações de abertura e reconhecimento do outro – de onde podem surgir vínculos com o vigor da qualidade política da amizade.

Rheingold (1996) igualmente a Lévy (2003) acredita que as relações mediadas pelo computador podem favorecer o exercício democrático de trocas de informação e conhecimentos bem como potencializar o debate de idéias num contexto de igualdade de expressão e reconhecimento do outro em suas habilidades. Ambos os autores valorizam o ciberespaço essencialmente enquanto atividade política.

De fato, o aparato técnico da internet permite o alargamento de práticas cívicas favoráveis à composição de laços solidários que podem irromper modos de relacionar-se e ações políticas que não são cooptados nem reprodutores dos modelos da ordem econômica dominante. A mobilização de grupos e entidades pode ser significativamente potencializada pela internet. Cunha (2001) demonstra que iniciativas individuais bem como de organizações da sociedade civil que se apropriam da internet para mobilização social, têm gerado bons resultados e repercussões profícuas não só na rede como na mídia tradicional. Rheingold (1996) também destaca que o uso efetivo da comunicação mediada pela internet por diversas organizações sem fins lucrativos e ONGs relacionadas com a defesa do meio ambiente, e dos direitos humanos, comprova a utilização dessa tecnologia para fins humanitários. O autor chama atenção para o fato de que a internet instaurou uma profunda transformação na maneira como a sociedade civil compõe redes e alianças. Rheingold (1996) ao relatar a experiência de dois professores nas zonas rurais de Montana que utilizaram a comunicação mediada por computador para melhorar as condições de vida e aproximar as pessoas numa área rural onde as grandes distâncias dificultavam a composição de comunidades, nos mostra modos criativos de utilização da internet que trazem mudanças significativas para as relações de um grupo ou comunidade.

A participação de Rheingold (1996) na sua comunidade virtual WELL (Whole Earth Lectronic Link) revelou o quanto as relações travadas online podem trazer transformações importantes que incidem diretamente na vida cotidiana fora da rede. Os vínculos afetivos da WELL mostraram ser capazes de compor desde uma rede cooperativa de trocas de conhecimentos e experiências, gestos solidários de apoio emocional, até a mobilização de recursos financeiros e humanos para ajudar uma componente que estava doente longe de seu país de origem. É de fato, o vigor dos laços afetivos de amizade que podem irromper a dimensão mesma do inesperado que potencializa a comunidade virtual como espaço de experimentação política. É a possibilidade de compor relações que podem fazer surgir o imprevisto e inesperado que configuram as comunidades virtuais como favoráveis a experimentação política da amizade. Derrida (1997) fala da amizade como um espaço aberto para o novo, para a experimentação, qualificado como uma condição de talvez (peut-être). Ele ressalta que a dimensão do talvez carrega a extrema alteridade, a possibilidade do outro; a amizade como *talvez* traz consigo a possibilidade do risco, da incerteza, da instabilidade, uma abertura para experimentar o novo e o indeterminado.

Nicolaci-da-Costa (1998) e Rheingold (1996) demonstram que o potencial das comunidades virtuais está no fato de configurar uma atividade social que pode gerar mudanças significativas essencialmente no âmbito das relações de amizades. “Um dos poucos pontos em que a totalidade dos membros entusiastas das comunidades virtuais no Japão, Inglaterra, França e EUA estão de acordo é o fato de a vantagem mais importante das conferências por computador alargar o seu círculo de amizades” (Rheingold, 1996, p.44). O próprio Rheingold (1996) diz ter amigos nos quatro cantos do mundo, vínculos afetivos sem limites de fronteiras constituídos pela internet que lhe trouxeram importantes transformações subjetivas, ampliando seu horizonte de interesses, além de contribuir para minimizar o seu sentimento de desamparo e ansiedades – próprios de quem visita um país estrangeiro, quando precisou viajar para o exterior. Além de estabelecer diálogos reflexivos e ser acolhido por amigos com os quais nunca estivera até então face a face, o envolvimento intersubjetivo de Rheingold (1996) na internet proporcionou a formação de laços genuínos de amizade, que em sua dimensão de imprevisibilidade, geraram desdobramentos importantes como a formação de novas amizades através dos amigos, a troca de informações interculturais e viagens que contribuíram para seu estudo sobre as comunidades virtuais, além do convite para participar de eventos, como a importante conferência no Japão onde se discutiu o futuro da informática e da internet.

A intolerância em relação à cultura do outro é desencorajada pela grandiosidade do gesto de amizade que favorece a abertura para o diálogo com o outro em sua radical alteridade, numa relação de igualdade política incompatível com posturas aviltantes em relação a diferentes universos culturais. É nesse sentido que Rheingold (1996) sinaliza que as relações virtuais entre amigos de diferentes nacionalidades promovem o sentido de uma comunidade transcultural.

Referências Bibliográficas:

Arendt, H. (1993). *A Dignidade da Política: ensaios e conferências*. (3ª ed.). (H. Martins, trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Arendt, H. (2001). *A Condição Humana* (10ª ed.). (R. Raposo, trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Derrida, J. (1997). *Politics of Friendship*. (G. Collins, trad.). New York. Verso.
- Kehl, M.R. (2000). Existe a função fraterna? Em Kehl, M. R. (Org.), *Função fraterna*. (pp. 31-47). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Kehl, M.R. (2000). A fratria órfã. Em Kehl, M. R. (Org.), *Função fraterna*. (pp. 209-244). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lévy, P. *A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*. (4^a. ed.). (L. P. Rouanet, trad). São Paulo, SP: Edições Loyola, 2003.
- Nicolaci-dacosta, A. M. (1998). *Na malha da rede: os impactos íntimos da internet*. Rio de Janeiro, Campus.
- Rheingold, H. (1996). *A Comunidade Virtual*. (H. Aranha, trad.). Lisboa, Gradiva.